EU AINDA SEI FALAR SOBRE AMOR: ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA PARA RECONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO ENFRENTAMENTO ÀS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

Mariana Custodio Farcetta/ DIGNA Instituto

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a experiência do grupo de escrita autobiográfica *Eu ainda sei falar sobre amor*, desenvolvido com mulheres sobreviventes da violência de gênero atendidas pelo Centro de Referência da Mulher Dirce Bellingeri, em Atibaia (SP). O estudo compreende a escrita como prática clínica, cultural e política capaz de favorecer processos de simbolização, reconstrução narrativa e fortalecimento subjetivo em mulheres atravessadas por experiências traumáticas. A metodologia articulou rodas de escrita, leitura compartilhada, escuta coletiva e disparadores autobiográficos em ambiente protegido e não revitimizante. O artigo dialoga com referenciais da Arteterapia, dos estudos sobre trauma, da escrita de si e das perspectivas feministas e decoloniais. Discute-se como a escrita autobiográfica pode atuar na retomada da autoria da própria história, ampliando possibilidades de elaboração subjetiva, pertencimento coletivo e reconstrução de sentidos sobre si e sobre a vida em contextos atravessados pelas violências de gênero.

Palavras-chave: violência de gênero; feminicídio; escrevivência; escrita autobiográfica; arteterapia.

Introdução

O feminicídio representa a expressão extrema de um continuum de violências estruturais dirigidas às mulheres. Antes da morte física, existem processos prolongados de apagamento subjetivo, isolamento, controle emocional, violência psicológica, desumanização e silenciamento. Em muitos casos, mulheres em situação de violência perdem progressivamente a possibilidade de sustentar a própria narrativa, reduzindo suas experiências à lógica da sobrevivência cotidiana.

Nesse sentido, o feminicídio pode ser compreendido não apenas como evento letal isolado, mas como culminância de processos contínuos de destruição simbólica da existência feminina.

Os dados do *Anuário da Violência contra a Mulher no Município de Atibaia* (ATIBAIA, 2025) evidenciam a gravidade desse cenário territorial. Apenas em 2025, o Centro de Referência da Mulher Dirce Bellingeri realizou atendimento a 238 novas mulheres, registrando mais de 1.000 atendimentos no período, além de 310 notificações no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e 375 Medidas Protetivas de Urgência. O município registrou ainda dois feminicídios consumados no mesmo período.

Os indicadores demonstram predominância de violências psicológicas, morais e físicas entre as mulheres atendidas, majoritariamente cometidas por companheiros e ex-companheiros. Esses dados reforçam que o feminicídio não começa apenas no ato extremo da morte física, mas em processos anteriores de captura da autonomia, fragmentação subjetiva e empobrecimento simbólico.

É nesse contexto que surge o grupo de escrita autobiográfica *Eu ainda sei falar sobre amor*, desenvolvido pela DIGNA Instituto junto ao Centro de Referência da Mulher Dirce Bellingeri, em Atibaia (SP). O espaço de cuidado, construído a partir da escrita autobiográfica e de práticas arteterapêuticas, nasce da percepção, no cotidiano dos atendimentos, de que muitas mulheres desejavam falar sobre suas histórias, mas encontravam dificuldades em organizar simbolicamente experiências atravessadas por medo, culpa, ambivalência afetiva e sofrimento prolongado.

A violência de gênero atua não apenas sobre o corpo físico das mulheres, mas também sobre sua possibilidade de produzir linguagem, memória e continuidade narrativa sobre si mesmas. Em relações marcadas pela violência, muitas mulheres passam a organizar suas vidas em função da previsibilidade do agressor, reduzindo progressivamente espaços internos de desejo, imaginação e autonomia subjetiva.

Dinâmicas violentas frequentemente produzem estados de confusão emocional, anestesiamento subjetivo e dificuldade de reconhecimento da própria violência vivida. Ao discutirem a teoria do duplo-vínculo nas relações conjugais violentas, Guimarães, Diniz e Angelim (2017) demonstram como a alternância entre afeto e agressão produz vínculos paradoxais difíceis de serem simbolizados e interrompidos. As autoras sintetizam essa dinâmica ao afirmarem: “Beijo! Tapa! Beijo! Tapa! [...] Em qual deles escolhemos acreditar?

No beijo, é claro.” Esse funcionamento produz enfraquecimento da percepção de realidade, ambivalência afetiva e dificuldade de elaboração crítica da própria experiência.

O trauma é um fato da vida. No entanto, não precisa ser uma sentença para toda a vida. (LEVINE, 1997, pg. 10). Porém, as experiências traumáticas frequentemente ultrapassam a capacidade imediata de elaboração subjetiva, permanecendo inscritas no corpo, nos afetos e nos modos de relação com o mundo (LEVINE, 1997). Estados prolongados de alerta, congelamento e sobrevivência contínua podem produzir fragmentação da experiência subjetiva e redução da capacidade simbólica.

A proposta do grupo dialoga profundamente com tradições literárias e políticas construídas historicamente por mulheres que escreveram suas existências como forma de resistência ao apagamento social. Em *Quarto de despejo*, Carolina Maria de Jesus desloca a escrita do lugar erudito e autorizado para transformá-la em instrumento de sobrevivência, denúncia e sustentação da própria humanidade. Sua escrita emerge da precariedade, da fome, da violência e da exclusão, produzindo uma narrativa que não separa corpo, território e sobrevivência. Carolina escreve quando o mundo insiste em apagá-la, transformando experiência individual em testemunho coletivo da violência estrutural brasileira.

A noção de escrevivência, conceito de Conceição Evaristo (2020), permite compreender a escrita de mulheres negras como narrativa produzida a partir da experiência encarnada, da memória coletiva e das marcas sociais inscritas no corpo e na vida cotidiana. A escrevivência rompe com a separação entre individual e coletivo, entre experiência íntima e estrutura social, permitindo compreender a escrita como elaboração simultaneamente subjetiva e política.

Também a partir de perspectivas feministas sobre linguagem e corpo, a escrita aparece como gesto de retomada da existência e da potência criativa das mulheres. Ao convocar mulheres a escreverem seus corpos e suas experiências, Cixous no manifesto feminista “O Riso da Medusa”, escrito na década de 70 e recém traduzido para o português (2022) propõe uma ruptura com estruturas patriarcais historicamente organizadas pelo silenciamento feminino.

A Arteterapia, através do manejo em processo criativo pode funcionar, então, como mediação simbólica importante para elaboração subjetiva, permitindo que experiências inicialmente indizíveis encontrem gradualmente possibilidades de representação, reorganização narrativa, reconstrução dos sentidos e compartilhamento (DUCHASTEL, 2016).

Ao discutir os impactos da violência sobre a vida das mulheres, Carvalho, Farcetta e Moraes (2021) destacam que situações traumáticas frequentemente produzem perturbações duradouras na organização psíquica e emocional, levando muitas mulheres a estruturarem suas vidas em função do agressor, afastando-se progressivamente de seus próprios desejos, projetos e referências identitárias. Nesse contexto, práticas arteterapêuticas podem contribuir para a reconstrução da autonomia subjetiva ao favorecer processos de expressão, elaboração emocional e retomada da capacidade de imaginar futuros possíveis.

A criação torna-se, assim, um espaço de elaboração psíquica, no qual experiências difíceis de serem verbalizadas podem encontrar formas alternativas de expressão. Essa perspectiva dialoga com a compreensão de Edith Kramer (1982), para quem o potencial terapêutico da arte reside não apenas na interpretação posterior da obra, mas no próprio ato de criar. A autora compreende a produção artística como processo capaz de mobilizar conteúdos emocionais internalizados e transformá-los simbolicamente por meio da forma, da imagem, do gesto e da materialidade.

Tal compreensão mostra-se particularmente relevante em contextos marcados pelo trauma. Muitas vezes, aquilo que foi vivido permanece inscrito em sensações corporais, imagens, afetos difusos, fragmentos de memória e estados emocionais difíceis de nomear. Ao discutir o caminho do imaginário, Duchastel (2016) propõe que imagens, símbolos e metáforas constituem importantes vias de acesso à experiência subjetiva, possibilitando processos graduais de simbolização e reconstrução de sentido. O imaginário não é compreendido como fuga da realidade, mas como linguagem legítima para elaboração da experiência humana, especialmente quando a narrativa verbal ainda não consegue sustentar a complexidade do vivido.

A metáfora da colagem proposta por García Casasola e Santos Sánchez-Guzmán (2011) amplia essa compreensão ao permitir pensar a subjetividade feminina como uma construção dinâmica, composta por fragmentos de memória, afetos, experiências e contradições. Assim como na colagem, elementos aparentemente dispersos podem ser reorganizados e reinscritos em novas composições simbólicas. Essa perspectiva torna-se especialmente potente para compreender mulheres atravessadas por experiências de violência, nas quais a fragmentação da memória, da identidade e dos projetos de vida frequentemente constitui uma das marcas do sofrimento traumático.

A Arteterapia, a partir da perspectiva de Espíndola e Dittrich (2014) é tecnologia de cuidado integral capaz de favorecer fortalecimento subjetivo, ampliação da autonomia,

reconstrução da autoestima e produção de novos sentidos para a experiência vivida. Resultados semelhantes são observados por Moreira e Santos (2019), que identificam, em processos arteterapêuticos, contribuições para o autoconhecimento, a reconstrução da autoimagem e o fortalecimento da percepção de si. Além dos efeitos individuais, experiências criativas compartilhadas também podem favorecer pertencimento, reconhecimento mútuo e fortalecimento comunitário, aspectos destacados por Nelson et al. (2022) ao discutirem processos coletivos de elaboração emocional e reconstrução de sentido.

Compreendida a partir dessas contribuições, a Arteterapia oferece caminhos para que experiências marcadas pela violência possam ser transformadas em memória, linguagem e possibilidade de existência. E no presente artigo busca-se compreender a escrita autobiográfica como prática clínica, poética e política de reconstrução subjetiva no enfrentamento às violências de gênero.

Percurso metodológico

O presente artigo caracteriza-se como relato de experiência de natureza qualitativa, construído a partir da experiência do grupo de escrita autobiográfica *Eu ainda sei falar sobre amor*, desenvolvido no Centro de Referência da Mulher Dirce Bellingeri, em Atibaia (SP), desde setembro de 2025.

Os encontros acontecem semanalmente, com duração aproximada de duas horas, reunindo mulheres de diferentes idades, raça e classe social, sobreviventes da violência de gênero e atendidas pelo serviço. O grupo contou com participação flutuante de mulheres acompanhadas pelo equipamento ao longo do período analisado. Para preservação ética das participantes, não são utilizados nomes ou informações que permitam identificação individual.

A proposta metodológica articula referenciais da Arteterapia, escrita autobiográfica, práticas narrativas e perspectivas feministas de cuidado e reconstrução subjetiva. Parte do entendimento de que a produção de narrativas sobre si pode favorecer processos de elaboração simbólica, reconstrução de sentido e fortalecimento subjetivo em mulheres atravessadas por experiências de violência.

A cada encontro são trabalhados temas disparadores relacionados às trajetórias de vida das participantes, como infância, corpo, medo, maternidade, amor, violência, sobrevivência e recomeços. A partir desses temas, as mulheres produzem textos autobiográficos, reflexões, registros poéticos e construções narrativas sobre suas próprias experiências.

Além da escrita, os encontros também incorporam práticas expressivas como pintura, colagem e modelagem, compreendidas como possibilidades complementares de simbolização e elaboração emocional. Paralelamente ao processo grupal, cada participante constrói um caderno pessoal autoral, desenvolvido progressivamente entre os encontros e os momentos de escrita em casa.

No primeiro encontro do grupo, foi apresentada às participantes a vida, a obra e imagens de Carolina Maria de Jesus como inspiração para o processo coletivo de escrita. Foram lidos trechos de *Quarto de despejo*, abrindo reflexões sobre memória, sobrevivência, pobreza, violência e a potência da escrita como testemunho da própria existência. Uma bandeira com a imagem de Carolina também compõe a sala de atendimento onde o grupo acontece, tornando-se presença constante ao longo dos encontros.

A metodologia busca construir um espaço protegido, não revitimizante e baseado na circulação da palavra, no reconhecimento coletivo e na reconstrução simbólica da experiência vivida.

Resultados e discussão

Ao longo do grupo *Eu ainda sei falar sobre amor*, observou-se que muitas mulheres chegavam com dificuldade de narrar suas histórias para além da violência sofrida. Os relatos apareciam interrompidos, fragmentados ou organizados exclusivamente em torno da dor e da culpa. Em diversos momentos, era possível perceber que o trauma havia rompido não apenas a sensação de segurança, mas também a continuidade narrativa da própria existência.

> (trecho 1 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *Não estou quebrada ou chorosa hoje, mas me sinto sem foco, vazia (...) não consigo ficar bem com o fato de não enxergar meu futuro, ou mesmo meu presente hoje, me vejo no escuro. Tantas portas, mas nenhuma saída clara por agora. Tantas coisas para tentar, mas nenhuma direção tomada. (...) O que fazer? Por onde começar? Onde estou? Onde quero estar? Onde ir?*

Muitas participantes inicialmente apresentavam dificuldade de sustentar narrativas contínuas sobre suas trajetórias. Os relatos eram atravessados por silêncios, esquecimentos, risos nervosos, mudanças bruscas de assunto ou dificuldade de reconhecer determinadas experiências como violência. Tais elementos dialogam com as formulações de Levine (1997) sobre fragmentação traumática.

Também aparecia o reconhecimento gradual de situações anteriormente compreendidas como normais ou inevitáveis. O fragmento abaixo evidencia como determinadas formas de

violência permanecem naturalizadas no cotidiano, dificultando seu reconhecimento e enfrentamento. Ao transformar essas experiências em narrativa, as participantes passavam a construir novos enquadramentos para acontecimentos antes percebidos como parte inevitável da vida conjugal e familiar. E reconhecem-se umas às outras, podendo nomear a violência estrutural do machismo.

> (trecho 2 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *Coisas cotidianas que para mim eram normais (...) abusos que são considerados gênio, jeito, manias, personalidade forte, ser homem.*

Em alguns momentos, essa fragmentação aparecia menos através de narrativas organizadas e mais por meio de sensações corporais, estados emocionais difusos e dificuldades de atribuir sentido à própria experiência. As narrativas revelam uma experiência marcada por exaustão, desorientação e dificuldade de compreensão de si, aspectos frequentemente observados em processos traumáticos prolongados

> (trecho 3 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *Meu corpo está pesado e meus olhos cansados. Quero dormir (...) Não sei, algo em mim me deixou ou se instalou. Não entendo, mas algo mudou". (..) Meus dias parecem ser minúsculos e mesmo assim ainda me canso com eles.*

As experiências traumáticas apareciam de forma não linear, e também através de imagens, lembranças fragmentadas, metáforas, silêncios e associações afetivas, como aborda Duchastel (2016) sobre a aproximação simbólica da experiência traumática, favorecendo processos graduais de elaboração, reconstrução narrativa e reintegração subjetiva.

A inter-relação das linguagens artísticas se deu a partir de uma proposta de *Blackout Poetry* realizada a partir de um trecho do livro *A cura pelas palavras*, de Rupi Kaur (2022). A técnica consiste em selecionar palavras ou expressões dentro de um texto previamente existente, ocultando visualmente os demais trechos e construindo uma nova composição a partir do que é destacado. Posteriormente, as participantes transformaram suas escolhas em produções visuais utilizando a pintura.

Embora todas partissem do mesmo texto-base, escolheram palavras distintas, como pode ser observado nas figuras 1, 2 e 3, que aparecem em destaque, em meio à pintura as palavras: **trauma**, **voz** e **cura**.

As diferentes escolhas evidenciam como processos criativos funcionam simultaneamente como recurso expressivo e instrumento projetivo, permitindo que conteúdos

subjetivos encontrem formas simbólicas de manifestação. As perguntas que orientaram a atividade foram: “O que ressalto?”, “O que subtraio?”, “Como organizo?”, “O que as palavras contam sobre mim?”, e favoreceram a reflexão sobre os modos de construir sentido diante da experiência vivida.



Figura 1 - trauma



Figura 2 - voz



Figura 3 - cura

Embora tenham aparecido muitas outras palavras neste encontro, essas três simbolizam a busca coletiva também constelada na terapia grupal. Juntas, elas evidenciam um percurso marcado pela elaboração e ressignificação do trauma, pela busca e recuperação da própria voz e pela construção de caminhos possíveis de cura.

A experiência deste encontro dialoga tanto com a metáfora da colagem proposta por García Casasola e Santos Sánchez-Guzmán (2011), quanto com a compreensão de Edith Kramer (1982) de que toda criação emerge de uma matriz emocional internalizada. As palavras trauma, voz e cura sintetizam dimensões recorrentes observadas ao longo do grupo, reconhecer as marcas da violência, recuperar a capacidade de nomeá-las e construir novas possibilidades de existência para além delas.

Ao longo do processo grupal, a escrita autobiográfica começou a funcionar como possibilidade de reorganização simbólica da experiência. Muitas mulheres escreviam pela primeira vez sobre si mesmas. A escrita aparecia como necessidade de sustentar a própria existência, reorganizar memórias e reconhecer-se novamente como sujeito da sua própria história.

Essa dimensão também atravessa a relação construída com Carolina Maria de Jesus ao longo do grupo. Sua presença simbólica na sala de atendimento operava (e segue operando) como autorização coletiva para escrita de mulheres historicamente silenciadas. Em diferentes

momentos, as participantes aproximavam suas próprias trajetórias das experiências de precariedade, violência, sobrevivência e resistência.

> (trecho 4 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *Não consigo ficar bem com o fato de não enxergar meu futuro, ou mesmo meu presente hoje.*

As narrativas produzidas pelas participantes são escrevivências, conceito de Conceição Evaristo (2020), uma vez que articulavam corpo, violência, maternidade, território, medo, abandono e estratégias de sobrevivência. As mulheres escreviam apenas sobre acontecimentos individuais, mas encontravam-se nos textos das outras, nas experiências atravessadas por estruturas históricas de desigualdade e violência de gênero.

> (trecho 5 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *32 de caminhada e zero de maturidade, zero de conquistas, zero de pés no chão. Me sinto tão fracassada que a única coisa que eu faço com maestria é ser mãe.* (...) *Sou forte, mas nada me faz brilhar, como um robô programado para servir e sigo me deixando cada vez mais para trás.*

A ambivalência afetiva também apareceu em textos produzidos ao longo do grupo, ao refletir sobre retornos sucessivos a relações que lhe causavam sofrimento. O fragmento abaixo evidencia a coexistência entre reconhecimento do sofrimento e desejo de retorno, aspecto que dialoga com as formulações de Guimarães, Diniz e Angelim (2017) sobre os vínculos paradoxais produzidos pela alternância entre afeto e violência. Mais do que sinal de fragilidade individual, a ambivalência aparece como uma das marcas subjetivas produzidas pelas relações violentas.

> (trecho 6 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *A recaída é uma droga. Você sabe que faz mal, mas você quer. Você sabe que te destrói, mas você sente falta.*

Ao compartilhar suas histórias, muitas participantes deixavam de compreender suas experiências como fracassos individuais e passavam a reconhecê-las como parte de estruturas sociais mais amplas de violência de gênero.

A escrita autobiográfica não operava apenas como relato da violência, mas como reconstrução gradual da possibilidade de existir para além dela.

> (trecho 7 - caderno autobiográfico de mulher participante)

> *Temos que aprender a trazer de volta nosso brilho em forma de esperança ao nosso mundo às vezes escurecido pelo sentimento rompido. Temos que ressignificar nosso voo e reajustar nosso bater de asas para a direção correta, sem deixar que aquelas situações nos roubem o brilho.*

Em outros momentos, começaram a surgir narrativas marcadas por maior acolhimento de si mesmas e no jogo de espelhos, promovido pelo encontro grupal, passaram a ser conselhos para si mesmas. O fragmento abaixo revela um deslocamento importante em relação às narrativas iniciais, frequentemente organizadas em torno da culpa, da autocrítica e da necessidade constante de suportar o sofrimento. Ao longo do processo, a força deixa de ser associada apenas à resistência e passa a incluir a possibilidade de cuidado, vulnerabilidade e reconhecimento dos próprios limites.

> (trecho 8 - caderno autobiográfico de mulher participante)
> *Amo o fato de ser forte, mas estou aprendendo que não preciso ser forte o tempo todo.*

Os registros autobiográficos construídos pelas participantes passaram gradualmente a funcionar como registros concretos de existência, memória e autoria. Para muitas mulheres, reunir textos, imagens e narrativas em um mesmo objeto significava também produzir continuidade simbólica sobre si mesmas. Esse movimento aproxima-se da compreensão de Cixous (2022) sobre a escrita como retomada da existência feminina e da potência criativa das mulheres.

Outro aspecto importante observado ao longo do grupo foi a dimensão coletiva produzida pela circulação das narrativas. As rodas de leitura compartilhada produziam reconhecimento, pertencimento e fortalecimento coletivo. Experiências criativas compartilhadas podem favorecer reconstrução de sentido, elaboração emocional e fortalecimento comunitário, aspecto também observado por Nelson et al. (2022).

A importância da rede de proteção também aparece nas narrativas produzidas pelas participantes. Em um dos textos, uma mulher relata sua chegada ao Centro de Referência da Mulher sem saber exatamente o que encontraria e descreve o impacto de encontrar um espaço de escuta, acolhimento e convivência com outras mulheres. O reconhecimento mútuo produzido pela circulação das narrativas permitia deslocar a violência do campo da culpa individual para uma compreensão mais ampla das desigualdades e relações de poder que atravessam suas trajetórias. A escrita deixava de ser apenas exercício individual e passava a constituir experiência compartilhada de testemunho, pertencimento e reconstrução de sentido.

(trecho 9 - caderno autobiográfico de mulher participante)
Conversando com ela descobri diversos pontos que se repetiram comigo e outros novos , mas o mais importante e valioso foi o conselho de passar pelo CRM... cheguei até o grupo de apoio que me ajudou e auxilia até hoje a saber quem sou, como agir e me informou sobre meus direitos; também me mostrou as formas de abusos que eu sofria sem nem imaginar que eram abusos. Coisas cotidianas que para mim eram normais e que repetidamente vi em outros relacionamentos ao longo da vida em família, amigas e na sociedade como um todo.

Nesse sentido, o grupo *Eu ainda sei falar sobre amor* opera simultaneamente como espaço de cuidado, prática cultural, dispositivo clínico e produção coletiva de memória, produzindo condições simbólicas para que mulheres voltassem a sustentar a própria voz, reorganizar suas experiências e reinscrever-se subjetivamente no mundo.

Considerações finais

A experiência do grupo *Eu ainda sei falar sobre amor* evidencia que práticas de escrita autobiográfica podem constituir importantes estratégias de reconstrução subjetiva no enfrentamento às violências de gênero.

Ao recuperar a possibilidade de narrar a própria experiência, mulheres sobreviventes também recuperam, em alguma medida, a possibilidade de reconstruir sentidos sobre suas vidas.

Em contextos marcados por feminicídios, violências psicológicas, sexuais, morais, patrimoniais e físicas, além de apagamentos simbólicos, defender espaços coletivos de narrativa também significa defender condições de existência.

O feminicídio não começa apenas na morte física. Ele começa quando mulheres deixam de conseguir sustentar a própria voz, imaginar futuros possíveis ou reconhecer-se como autoras de suas próprias histórias.

O nome do grupo surgiu a partir de uma frase escrita por uma das participantes durante os encontros: “Eu ainda sei falar sobre amor”. A expressão apareceu em meio às narrativas sobre violência, medo, rupturas e sobrevivência, tornando-se profundamente significativa para o coletivo. O título passou então a nomear o grupo por traduzir a possibilidade de continuar produzindo afeto, linguagem e sentido mesmo após experiências marcadas pela violência.

Enfrentar a violência de gênero também é criar espaços coletivos onde mulheres possam voltar a escrever a si mesmas.

Referências

ATIBAIA. Centro de Referência da Mulher Dirce Bellingeri. *Anuário da Violência contra a Mulher no Município de Atibaia – 2025*. Atibaia, 2025.

CARVALHO, Carolina; FARCETTA, Mariana; MORAES, Eliana. O benefício da Arteterapia para a recuperação de traumas. In: MORAES, Eliana; FARCETTA, Mariana (org.). *Arteterapia: artigos finais turma 2021*. São Paulo: Instituto Faces, 2021.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2025*. Brasília: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025.

CIXOUS, Hélène. *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

DUCHASTEL, Alexandra. *La Voie de l'imaginaire: le processus en art-thérapie*. Montréal: Quebecor, 2016.

ESPÍNDOLA, Karla Simone da Silva; DITTRICH, Maria Glória. Tecnologia em Arteterapia para a saúde de pessoas com câncer de mama. *Saúde & Transformação Social*, Florianópolis, v. 5, n. 3, p. 10-19, 2014.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivência e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FARCETTA, Mariana C.; KOBAYASHI, Gisele M.; ANTUNES, Gabriela. Ações comunitárias e incidência política no enfrentamento às violências de gênero: a experiência da Frente Feminista de Atibaia. *Revista Mandaçaia*, v. 2, n. 1, p. 100-105, maio 2026.

GARCÍA CASASOLA, Raquel; SANTOS SÁNCHEZ-GUZMÁN, Eva. Arteterapia y subjetividad femenina: construyendo un collage. *Arteterapia: Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social*, Madrid, v. 6, p. 87-103, 2011.

GUIMARÃES, Fabrício Lemos; DINIZ, Glaucia Ribeiro Starling; ANGELIM, Fabio Pereira. "Mas ele diz que me ama...": duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 33, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KRAMER, Edith. *Art as therapy with children.* New York: Schocken Books, 1982.

LEVINE, Peter. *Waking the Tiger: Healing Trauma*. Berkeley: North Atlantic Books, 1997.

MOREIRA, Marcelo Augusto Gonçalves; SANTOS, Victor Corrêa. A fotografia como arteterapia no processo de recuperação de mulheres após o tratamento de câncer de mama. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos (UNICEPLAC), Gama, DF, 2019.

NELSON, Karen et al. Exploring the impacts of an art and narrative therapy program on participants' grief and bereavement experiences. *OMEGA – Journal of Death and Dying*, 2022.

OPENAI. *ChatGPT* (modelo GPT-5). San Francisco, 2026. Disponível em: https://chat.openai.com. Acesso em: 01 maio 2026.

PAIVA, Leila; SOUZA, Lana Régia. *Enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020.